

GEOCULTURALIDADE: PRESERVAÇÃO CULTURAL E INTERCULTURALIDADE – UM RELATO DE EXPERIÊNCIA JUNTO AO POVO BOE BORORO

GEOCULTURALIDAD: PRESERVACIÓN CULTURAL E INTERCULTURALIDAD – UN RELATO DE EXPERIENCIA CON EL PUEBLO BOE BORORO

SUZANA MOURA DOS SANTOS

UEG – Universidade Estadual de Goiás
suzanaefilho@hotmail.com

MURILO MENDONÇA OLIVEIRA DE SOUZA

UEG – Universidade Estadual de Goiás
murilosouza@hotmail.com

Resumo: Os povos originários Bororo, representam uma parte valiosa da diversidade cultural do Brasil. Sua história, cultura e lutas, refletem parte importante da nossa história. A diversidade cultural em um mundo cada vez mais globalizado, tem desempenhado papel fundamental para o respeito e a preservação dos povos originários e tradicionais. O processo de construção das laudas, neste texto, revela o cotidiano dos povos indígenas Boe Bororo, pertencentes ao estado de Mato Grosso, região Centro-Oeste do Brasil. O Bioma Cerrado, é palco de muitas lutas, aprendizado e principalmente ancestralidade. O presente trabalho explora a geoculturalidade e a importância da preservação cultural e interculturalidade, a partir da experiência com este povo. A metodologia adotada combina revisões bibliográficas e vivências de campo, possibilitando uma análise aprofundada do cotidiano e das práticas culturais dessa comunidade. O Cerrado, bioma de origem dos Bororo, influencia suas tradições, que enfrentam desafios em meio à globalização. O estudo destaca a relevância do diálogo intercultural para fortalecer e respeitar a diversidade cultural e os saberes ancestrais dos Bororo.

Palavras-chave: Boe Bororo. Cultura. Preservação. Ancestralidade.

Resumen: Los pueblos originarios Bororo representan una parte valiosa de la diversidad cultural de Brasil. Su historia, cultura y luchas reflejan una parte importante de nuestra historia. La diversidad cultural en un mundo cada vez más globalizado desempeña un papel fundamental para el respeto y la preservación de los pueblos originarios y tradicionales. El proceso de construcción de las páginas en este texto revela el cotidiano de los pueblos indígenas Boe Bororo, que pertenecen al estado de Mato Grosso, en la región Centro-Oeste de Brasil. El bioma Cerrado es escenario de muchas luchas, aprendizajes y, sobre todo, de ancestralidad. El presente trabajo explora la geoculturalidad y la importancia de la preservación cultural e interculturalidad, a partir de la experiencia con este pueblo. La metodología adoptada combina revisiones bibliográficas y vivencias de campo, lo que permite un análisis profundo del cotidiano y las prácticas culturales de esta comunidad. El Cerrado, bioma de origen de los Bororo, influye en sus tradiciones, que enfrentan desafíos en medio de la globalización. El estudio destaca la relevancia del diálogo intercultural para fortalecer y respetar la diversidad cultural y los saberes ancestrales de los Bororo.

Palabras clave: Boe Bororo. Cultura. Preservación. Ascendencia.

Introdução

Partindo do pressuposto de que a Geografia é a ciência que abarca conexões com diversas áreas do conhecimento, é possível dizer que os estudos que tangem a Geografia Cultural e a Geoculturalidade, agregam e fomentam o avanço de ideias e substancialmente a divulgação de culturas novas e tradicionais/ancestrais e movimentos. Discorreremos aqui, a cultura dos povos originários Boe Bororo e toda luta para garantir a sua identidade, legitimidade de território e cultura.

Estabelecendo diálogos com povos e culturas de diferentes etnias, a representação e dinâmica desta ciência, é um desafio para a compreensão, divulgação e principalmente a relação da diversidade entre todos, uma vez que, expandir novos horizontes requer também sabedoria e respeito, e a Geografia é elo forte da difusão de comunicar-se em territórios diversos e distintos.

Neste sentido, a acessibilidade de informações no contexto mundial, permite que a apreciação de fatos, eventos, fenômenos, processos evolutivos, guerras, ordem geopolítica siga enredos diversos, denotando movimentos sociais em todo sentido, de acordo com o estudo levantado por Cecilia Peruzzo (2013, p. 167).

A relação ofertada pela geografia de espaço, lugar, território, paisagem, escalas e rede, tem um desdobramento que se reflete na comunicação de distribuição territorial, nos grupos sociais, povos tradicionais, cerradeiros, quilombolas e tantas outras comunidades, que faz jus, ao espaço geográfico como lugar de morada, uma relação de intimidade com a Terra e toda a significância para a preservação cultural.

Na atual conjuntura, a ligação entre Geografia e os estudos culturais é refletida em um cenário de interação, já que ela necessita difundir suas práticas, especificidades, pesquisas e avanços de cunho mundial, como forma de englobar as duas áreas do conhecimento. Especialmente aqui, a geoculturalidade é a engrenagem para toda simbologia geográfica, que no intemperismo milenar, consegue fazer recortes espaciais geográficos, para comparação de informações, que são parte importante no processo global, são elas a divulgação das informações de forma linear, partindo na prerrogativa de que todos temos o direito ao acesso da informação.

A Geografia em sua essência, se além as relações humanas, o meio físico e o meio social, trata-se, no entanto, da dialética Sociedade-Homem-Natureza. Assim sendo, flui entre a

relação homem e natureza, a natureza pela natureza, os fenômenos naturais pelos fenômenos sociais e dos outros diversos espaços e recortes geográficos, através de uma janela ampla que abarca diversas áreas do conhecimento, perpassando por outros processos transitórios, trabalhando a integração de um todo.

Ao mesmo tempo em que se ampliava o conhecimento do espaço geográfico, aguçando a pesquisa dos sistemas de relação entre a sociedade e a natureza – sistemas agrícolas, técnicas de uso do solo, relacionamento entre as cidades e o campo, relações entre as classes sociais e entre o Poder e o povo –, desenvolvia-se também a curiosidade sobre as características naturais, os sistemas de montanha, os rios com os seus variados regimes, a distribuição das chuvas, a sucessão das estações do ano etc. (Andrade, 1987, p. 24).

Tendo em conta a análise da intersecção entre geografia e cultura, e os elos que fazem a geodiversidade e a geoculturalidade, torna-se claro que esta relação desempenha um papel importante na compreensão e divulgação de culturas, regiões e movimentos sociais. Através da Geografia, é possível não só explorar a diversidade cultural, mas também promover o respeito e a compreensão mútua entre diferentes grupos étnicos e sociais. Ao abordar a cultura dos povos originários Boe Bororo e a luta pela preservação de sua identidade e território, este texto enfatiza a importância de estabelecer diálogos inclusivos e respeitosos entre diferentes culturas. Estes diálogos não só enriquecem o conhecimento humano, mas também fortalecem os laços de solidariedade e cooperação num mundo cada vez mais interligado.

Metodologia

A pesquisa tem base metodológica de revisões bibliográficas, experiência de aula de campo e principalmente na envolvimento de pesquisador e objeto da pesquisa. O processo de construção das laudas revela o cotidiano dos povos indígenas Boe Bororo, povos originários, pertencentes ao estado de Mato Grosso, região Centro-Oeste do Brasil. O Bioma Cerrado, é palco de muitas lutas, aprendizado e principalmente ancestralidade. No que tange a relevância do esclarecimento metodológico dos processos que levam a discussão geográfica, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007) ressaltam:

A Geografia como ciência humana pesquisa o espaço produzido pelas sociedades humanas, considerando-o como resultado do movimento de uma sociedade em suas contradições e nas relações provenientes dos grupos sociais e a natureza nos seus diversos períodos históricos (Pontuschka; Paganelli; Cacete, 2007).

Nesse sentido, a metodologia utilizada na pesquisa sobre os povos Boe Bororo foi fundamental para a compreensão aprofundada da dinâmica cultural e social desse povo. A revisão bibliográfica proporcionou um embasamento teórico que enriqueceu a análise, permitindo situar os Boe Bororo dentro de um contexto histórico mais amplo, onde suas práticas e saberes se entrelaçam com as transformações sociais e ambientais da região.

A experiência de aula de campo, por sua vez, ofereceu uma imersão direta no cotidiano bororo, possibilitando não apenas observar, mas vivenciar as práticas culturais e sociais. Essa abordagem metodológica, que valoriza a interação entre o pesquisador e o objeto de estudo, é crucial para captar a complexidade das relações sociais e culturais que caracterizam a vida dos Boe Bororo. Além disso, a envolvimento do pesquisador no cotidiano Bororo permitiu uma construção de conhecimento que transcende a mera coleta de dados. Essa aproximação favorece um diálogo mais autêntico e respeitoso entre as tradições dos povos indígenas e as exigências da pesquisa acadêmica.

Ao entender a Geografia não apenas como o estudo de um espaço físico, mas como um tecido social complexo, a pesquisa se torna um instrumento para a valorização e a preservação da cultura Bororo. Dessa forma, a metodologia adotada não apenas enriquece a compreensão geográfica, mas também se torna um meio de resistência e afirmação da identidade cultural dos Boe Bororo, destacando a importância de seus saberes e práticas na construção de futuro.

Povo Originário Bororo: cultura e história

Os Bororo são povos indígenas do Brasil, conhecidos por sua rica cultura e uma história de luta e resistência fascinante. Habitantes do Cerrado, da região Central do país, especificamente em Mato Grosso, esses povos desempenham papel de suma importância na preservação da identidade indígena e na luta pela abonação de seus direitos territoriais e culturais.

Meruri é uma grande Terra Indígena dos Boe Bororo, cercada pela biodiversidade e histórias que o tempo não pode apagar. A escrita a seguir é fruto de uma pesquisa que tem por fundamentação aula de campo e as vivências na aldeia. O texto a seguir se justifica pelas minudências oferecidas pela ambientação da aldeia, pela visão não indígena, no entanto, esse olhar tem muito respeito pelos povos originários, que desempenham um papel fundamental para a valorização, relevância, pela real ancestralidade brasileira, que são os povos originários.

Segundo relatos *in loco*, os Boe Bororo representam uma das mais antigas etnias indígenas do Brasil, por serem nômades, acredita-se que tenha sua formação originária na Bolívia, pela influência da língua e algumas características físicas. A história data de aproximadamente 1700 anos, quando tiveram o primeiro contato com os bandeirantes no rio Cuiabá, onde foram escravizados para os garimpos de ouro. Depois de um tempo, dividiram-se e, misturados com os não indígenas, ou povo branco, chegaram no Rio Vermelho, também em Cuiabá, e ali fizeram morada, desenvolveram a sua cultura, suas tradições e criaram raízes. Ainda estão espalhados pela região Centro-Oeste e alguns até no Amazonas.

Têm língua própria que pertence à família linguística bororo, a cultura é rica em mitos, rituais e práticas tradicionais transmitidas oralmente para o povo. Também são conhecidos pelas habilidades artísticas, incluindo a produção de cestaria intrincada e coloridas, e a confecção de instrumentos musicais com bambus e penas de araras. Suas criações muitas vezes refletem a natureza e os mitos de suas tradições, como as pinturas dos corpos, que são uma codificação de cosmovisão.

A etnia Bororo é tradicionalmente organizada em aldeias demarcadas em clãs que são as famílias ancestrais, vivem em uma sociedade matrilinear, ou seja, a descendência e a herança são geralmente traçadas através da linha materna. Isso significa que a linhagem é determinada pela ancestralidade da mãe, ressaltando a importância da figura materna, que é norteadora pela sensibilidade e o respeito feminino. A figura da mulher dentro da aldeia desempenha um papel de intensa valorização, pois, são elas que detêm a riqueza geradora dos espíritos Bororo, são reconhecidas como sagradas frente a cultura.

Outrossim, as mulheres desempenham as funções da educação, no repasse das tradições e ensinamento das atividades culturais, integram ativamente a sociedade assumindo papéis de significância maior, caçam e pescam, produzem artesanatos e participam das atividades da aldeia, como rituais fúnebres, batizados e rituais de passagem, conforme a idade.

As mulheres mais velhas, assumem um papel ainda mais importante, que é a guarda dos espíritos, das almas dos seus familiares. Segundo relatos dentro da aldeia, a origem Bororo, pode ter sido de duas mulheres. Vale refletir, reconhecer e respeitar a diversidade cultural dos povos originários, como os Bororo, e entender que suas práticas e modo de vida são valiosos componentes do patrimônio cultural brasileiro. A vida comunitária é ponto de equilíbrio para o desenvolvimento e a sustentação da própria cultura, e as atividades diárias, incluem a caça, a

pesca, a confecção de artesanatos, o desenvolvimento da língua e o repasse para as novas gerações.

Ao longo dos anos os Bororo enfrentaram desafios relacionados à perda de território, ambientes naturais, mudanças em seu modo de vida e transmissão do conhecimento ancestral, nomeado pelos não indígenas de educação, devido a fatores externos, como introdução da cultura dos indigenistas dentro do meio indígena.

Aprendizados e vivências Boe Bororo

A educação entre os Bororo é frequentemente um esforço comunitário, onde a colaboração e a participação são incentivadas pelo bem maior que é preservação dos conhecimentos ancestrais. Muitas vezes a educação envolve a transmissão oral de conhecimento, onde os mais velhos compartilham histórias, mitos, práticas culturais e habilidades com as gerações mais jovens. Aprender a língua Bororo também desempenha um papel crucial na preservação da identidade cultural.

No entanto, é importante reconhecer que a educação nas aldeias indígenas enfrenta desafios significativos, incluindo acesso limitado a recursos educacionais, barreiras linguísticas e questões relacionadas a preservação da cultura frente a influências externas. Nos últimos anos, tem havido esforços interculturais, que buscam integrar elementos da cultura indígena nas práticas educacionais formais, respeitando a diversidade cultural e linguística. Segundo Kujiboekureu:

Sempre há um professor do quadro dos professores da escola Meruri que ministra as aulas de língua bororo. Mas não temos um professor fluente aqui na aldeia Meruri. Às vezes, em reuniões, tocam no assunto sobre língua bororo, mas fica por aí mesmo, não tem ações ou planejamento para ações, ou uma mobilização para ter algo mais concreto sobre o assunto (Kujiboekureu, 2022, p.12).

Nesse sentido, é fundamental que toda a herança ancestral que é milenar como a língua materna e a pintura de corpos, que também significa uma expressão e é peculiar de cada clã, não se perca com as ações da modernidade. Vale ressaltar que os esforços intensificados, estão dando frutos para as gerações futuras. É crucial considerar as perspectivas e necessidades específicas de cada povo indígena ao abordar questões relacionadas à educação, promovendo práticas educacionais que respeitem e valorizem a rica herança cultural dos Bororo.

Talvez, não sabemos o caminho que vá transformar a nossa escola para melhor, mas, com certeza, sem nossas raízes bóe, isso não vai acontecer, e esse é nosso desafio: preparar as crianças na cosmovisão bóe e mostrar que tem outras visões também (Kujiboekureu, 2022, p. 17).

Diante das reflexões sobre a educação e a propagação cultural entre os Bororo, torna-se evidente que esta é uma ação intrinsecamente ligada à aldeia, onde a colaboração e a participação são incentivadas em prol da preservação dos conhecimentos ancestrais. A transmissão oral de saberes, a valorização da língua Bororo e o compartilhamento intergeracional de histórias e práticas culturais desempenham papéis fundamentais nesse processo educacional. No entanto, é importante reconhecer os desafios enfrentados pela educação nas Terras Indígenas, tais como o acesso limitado a recursos educacionais e as barreiras linguísticas, além das influências externas que podem ameaçar a preservação da cultura. Nesse sentido, observe a Imagem 1:

Imagem 1: “Ariranhas, chegamos”. Trabalho escolar de uma criança Boe Bororo.



Fonte: Autoria própria, 2023.

A Imagem 1 foi coletada em um momento de aula, no qual as crianças ouviram uma lenda acerca de suas ancestrais que tornavam-se ariranhas para poderem desbravar as matas e caçarem. O cartaz retrata uma cosmovisão que, novamente, reforça a importância da mulher Bororo para a existência de seu povo. As lendas fazem parte do processo de ensino para os Boe Bororos, segundo Campos, Grandó (2018):

A educação Bororo perfaz uma educação entre o mundo material e o imaterial, construído em um processo binário de estruturação e organização social, que se torna importante para compreender o ser aredu (mulher) e o ser imedu (homem) Bororo, pois, na concepção Bororo de ver o mundo, há sempre duas metades, dois lados, que não são antagônicos, mas complementares e de simbiose, no sentido de que um não pode sobreviver sem o outro, é o lado de cá que dá visibilidade para o lado de lá, é o outro que permite o pertencimento, que me faz pertencer, eu só sou algo ou alguém, se há um outro que me constitui (p. 07).

Os dados empíricos aqui organizados, relata que a evolução do indivíduo Boe Bororo se dá a partir de sua concepção, nesse lugar clânico e sagrado, a comunidade é fragmentada em

Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 210-224, dez. 2024. ISSN 1981-4089 metades diferentes, “*Ecerae*” e “*Tugarege*” que a partir, surgem novos sub-clãs. Essa divisão é uma relação dual entre os Bororo, tudo são duas partes que se completam, vide as Imagens 2 e 3:

Imagem 2: Banner de criança Boe Bororo exposto na aldeia; **Imagem 3:** Museu Boe Bororo.



Fonte: Autoria própria, 2023.

O Banner exposto na Imagem 2 retrata a importância da educação Boe Bororo no contexto educacional de Meruri, em prol das tradições e respeito a cultura. As escolas dentro da aldeia educam na língua materna Bororo, com ênfase para aulas de campo, objetivando repasse de toda ancestralidade. Com discurso potencializado pela sua força, o Boe Bororo, professor Agostinho Eibajiwu, afirmou, durante a visita que as mulheres desempenham um importante papel, conforme reforçam as lendas. É através delas que são repassadas as categorias sociais que tem no plano da aldeia um espaço específico salientando a importância da mulher dentro da comunidade Boe.

A Imagem 3 é o reflexo do sagrado, o Museu no centro da aldeia, onde são guardadas as materializações das tradições e os objetos de grande estima e valor cultural, enfatizando ali, todos os clãs e sub-clãs. Objetos sagrados simbolizam a relação com a natureza e todos os elementos, que estão enraizados na rotina e na vida dos indígenas. Desde penas coloridas, pedaços de madeira, até dentes e pele de animais, tudo é guardado para que as futuras gerações não percam partes importantes de sua identidade.

A análise sugere que a identidade não é apenas um atributo pessoal, mas um produto dinâmico que reflete as complexas intersecções de fatores sociais, culturais e históricos. Esse

entendimento propõe que a construção da identidade é um processo coletivo, onde as relações interpessoais e as tradições culturais desempenham papéis cruciais na formação do eu. Assim, a identidade é vista como um fenômeno relacional, que se reinventa continuamente através das interações e contextos nos quais os indivíduos estão inseridos.

Nesse contexto, os esforços interculturais emergem como uma resposta crucial, buscando integrar elementos da cultura indígena nas práticas educacionais formais, com o objetivo de respeitar e valorizar a diversidade cultural e linguística. É imperativo que se intensifiquem os esforços para garantir que a rica herança ancestral dos Bororo, incluindo sua língua materna e práticas culturais distintas, não se perca diante das pressões da modernidade.

A educação deve ser um instrumento de fortalecimento e promoção da identidade cultural Bororo, preparando as gerações futuras para enfrentar os desafios contemporâneos sem perder de vista suas raízes e cosmovisão. Somente através desse compromisso genuíno com a preservação e valorização da cultura Bororo é que se pode aspirar um futuro em que as crianças possam se orgulhar de suas origens e visões de mundo, enquanto também estão preparadas para dialogar e se relacionar com outras perspectivas culturais.

Relação com a Natureza, Espiritualidade e Cosmovisão: uma reflexão holística

A cosmovisão é profundamente enraizada em suas tradições culturais, espirituais e sociais. Ela molda a maneira como os Bororo percebem e interagem com o mundo ao seu redor. Alguns elementos para a cosmovisão são: a relação com a natureza e todos os elementos naturais, bióticos e abióticos, espiritualidade, rituais e suas tradições orais. O retrato da cosmovisão é permeado especificamente pela natureza e a espiritualidade, onde a junção é parte de todo um mundo transcendental.

A cosmovisão Bororo, fundamenta a cultura e a identidade, aporta como um guia para as relações sociais, a moralidade e a conservação de seu ambiente, evidenciando a importância da compreensão cultural para uma análise crítica das dinâmicas sociais e das práticas identitárias em contextos indígenas. Segundo, Mariel Kudjibo Ekureu, indígena de Merure, os espíritos que também norteia a cosmovisão, são chamados de “Aroe Doge” e estão intrinsecamente ligados aos animais das matas que ali os cercam.

Na sociedade Bororo, ressaltando que, desde o nascimento, os papéis de "menina" e "menino" são moldados por um conjunto de saberes e práticas específicas desse grupo étnico.

Essa formação se dá não apenas por meio de normas sociais, mas também imersa em uma cosmologia própria, que influencia as percepções e expectativas relacionadas a cada gênero. Assim, a identidade de gênero é entendida como um fenômeno que emerge de um contexto cultural amplo, onde os saberes e fazeres tradicionais desempenham um papel essencial na definição e perpetuação dos papéis sociais, refletindo a interdependência entre cultura, gênero e identidade na vivência dos Bororo, assevera Campos e Grandó (2018):

A pessoa é construída no sistema de significações, portanto, o ser antes mesmo de tomar forma, já está encharcado no emaranhado que tece a cultura do seu povo, portanto, podemos inferir que nesta sociedade não podemos falar em corpo como algo natural e desprovido de significados, pois há uma cosmologia que antecede e que sucede ao nascimento. O corpo como materialidade é a pessoa e como tal, se constitui desde a sua compreensão mais sensível e presente no mundo dos vivos e dos mortos (p. 09).

Os Bororo acreditam em uma relação com a natureza, onde a terra, plantas e animais, são refletidas e associadas com entidades vivas e espirituais. Essa relação de respeito à natureza é fundamental para a sobrevivência harmônica da visão dos Bororo. A conectividade com a natureza ao redor, remete uma fusão entre indígenas e natureza, e suas práticas e crenças muitas vezes refletem um respeito pela natureza e uma compreensão íntima de seus ciclos.

A natureza tem papel primordial na relação com a cosmovisão, os animais, as plantas, influenciam muitas das atividades desenvolvidas dentro da aldeia. A cosmovisão é, na verdade, uma história, um conto que se relaciona com animais e seres inanimados. Para os não Bororo, é uma história folclórica. A visão holística está intrínseca com a cosmovisão, um elance repassado por gerações, através de histórias contadas pelos mais velhos. Luta incessante para o repasse dessa cultura milenar, de uma sensibilidade ancestral que remete para a resiliência e trajetória de lutas e tradições.

A espiritualidade desempenha um papel fundamental na vida dos Bororo. Possuem uma cosmovisão rica, que incluem mitos, rituais e cerimônias para honrar os espíritos da natureza, os ancestrais e os deuses que regem o universo. O pajé é responsável pela mediação entre dois mundos, incluindo também rituais de cura, estabelecimento de contato com os espíritos, equilíbrio e discernimento para as situações cotidianas. Cultuar e preservar a cosmovisão são atitudes necessárias para garantia da perpetuação da cultura Bororo, fortalecendo os laços culturais e ancestrais, para sobrevivência cultural desse povo.

Os rituais fúnebres como em muitas culturas indígenas, são marcadas por práticas e crenças específicas que refletem a cosmovisão e espiritualidade. Após a morte de um membro do povo Bororo, toda a aldeia entra no luto, e as atividades são suspensas em respeito a perda.

O corpo é preparado para o funeral, o processo é realizado pelas mulheres mais velhas da aldeia, “as Mães das almas”, figura que dentro da cosmovisão carrega a missão de cuidar do espírito do ente. Ela, a Mãe das almas, é uma figura marcante e de respeito; forte e responsável pela guarda da alma, é o puro reflexo da importância da mulher, dentro da etnia Bororo.

Após a morte de uma pessoa, se faz a escolha da mãe das almas daquele(a) falecido(a). Poderá ser escolhida uma mulher do próprio sub-clã. Caso não tenha parentes do finado(a) poderá ser escolhida outra mulher de outro sub-clã, que tenha bons valores e comportamento e seja boa na culinária Bóe. Simbolizando essa representatividade é entregue a ela o Aróe Ikuíe Powári (cabacinha sagrada que representa o finado) simbolizando aquela pessoa falecida (Kujiboekureu, 2022, p.30).

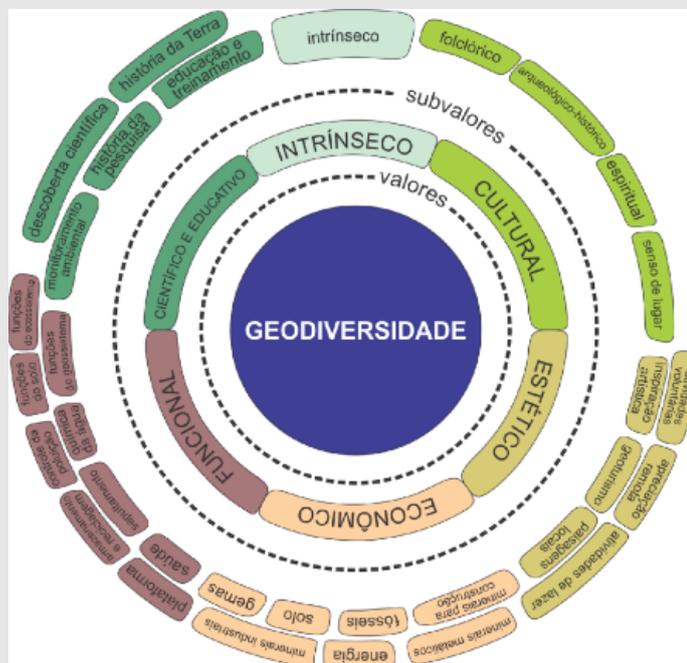
O ritual do ciclo da vida, morte e nascimento é uma das atividades mais respeitadas dentro da aldeia. O corpo é preparado com tintas e adornos, com penas de araras. O ritual pode durar dias ou meses. O luto para os Bororo é um processo de dor e lamentação, sem um prazo determinado para acabar; entoado por cantos, danças e a presença de todos. Todo o ritual é fundamental para a crença, o rito de passagem entre a vida e a morte.

Geoculturalidade: caminhos para a preservação cultural e a interculturalidade

A geoculturalidade, um conceito que emerge da intersecção entre geodiversidade e diversidade cultural, propõe que o espaço geográfico não é apenas um cenário físico, mas um contexto carregado de significados culturais e identidades. Gray (2004) discute um sistema determinado a partir de valores e subvalores, conforme exemplifica a figura 1 abaixo.

A perspectiva de Gray ressalta que a geodiversidade e a cultura estão intrinsecamente ligadas, uma vez que a primeira se trata de um conceito atrelado a um valor intrínseco e a segunda a um subvalor estruturante. As características geográficas de uma região influenciam não apenas a economia e o modo de vida das comunidades, mas também suas tradições, crenças e relações sociais. Dessa forma, a geoculturalidade torna-se um elemento essencial na compreensão da diversidade cultural e na promoção de políticas de preservação cultural.

Figura 1: Diagrama simplificado dos valores da geodiversidade.



Fonte: Gray (2004).

A preservação dos valores culturais é um processo vital para a manutenção das identidades e tradições de grupos diversos. Em um mundo cada vez mais globalizado, onde as culturas podem se sobrepor e se diluir, a proteção das práticas culturais locais torna-se um imperativo. A interculturalidade, que envolve o diálogo e a troca entre culturas diferentes, pode ser um caminho para fortalecer a identidade cultural, promovendo o respeito e a valorização das diferenças.

Nesse contexto, a relação entre a preservação cultural e a interculturalidade é fundamental. Enquanto a preservação cultural busca manter vivas as tradições e modos de vida, a interculturalidade propõe um espaço de convivência e aprendizado mútuo, permitindo que diferentes culturas se encontrem, compartilhem experiências e aprendam umas com as outras. Essa troca enriquece tanto as comunidades que preservam suas tradições quanto aquelas que se abrem ao diálogo intercultural.

A Interculturalidade é determinante no aporte da tolerância entre diferentes comunidades e suas origens culturais. Engloba igualmente prática de justiça, desenvolvimento sustentável, respeito a natureza e a cooperação entre povos e nações. A interculturalidade, enquanto conceito, oferece uma perspectiva que enriquece a análise das dinâmicas sociais e

culturais, introduzindo uma camada de complexidade às interações humanas. Nesse sentido, Weissmann (2018) aporta “A interculturalidade também permite ampliar horizontes, dando lugar às diferenças e apontando ao enriquecimento e mudança contínua” (p. 28).

Os Bororo, por sua vez, são um exemplo emblemático da intersecção entre geodiversidade/geoculturalidade e preservação cultural. Sua cultura está profundamente enraizada na geografia da região, com práticas sociais, espirituais e culturais que refletem o ambiente em que vivem. A relação dos Bororo com a terra, os rios e a flora local é uma manifestação da sua identidade. A cultura Bororo é marcada por uma rica tradição oral, com mitos e histórias que transmitem conhecimentos sobre o ambiente e a convivência comunitária. Essas narrativas não são apenas formas de entretenimento, mas instrumentos essenciais para a educação e a formação da identidade. Ao preservar essas tradições, os Bororo asseguram que sua sabedoria ancestral continue a ser transmitida às futuras gerações.

A geoculturalidade dos Bororo também se manifesta em suas práticas agrícolas e na utilização dos recursos naturais. Eles cultivam diversas plantas e utilizam técnicas que refletem uma profunda compreensão do ambiente natural local. Essa sabedoria tradicional é uma forma de resistência e de adaptação às mudanças ambientais e sociais, demonstrando a importância de integrar conhecimentos tradicionais nas estratégias de preservação.

Estudos sobre os Bororo são cruciais não apenas para entender sua cultura, mas também para reconhecer a importância de sua contribuição para a diversidade cultural global. A pesquisa antropológica e a valorização dos saberes tradicionais permitem que a sociedade mais ampla compreenda a relevância da geoculturalidade e da preservação cultural. Tais estudos promovem um espaço de escuta e respeito, facilitando o diálogo intercultural. A valorização da cultura Bororo, em um contexto mais amplo, também implica um reconhecimento das injustiças históricas e sociais enfrentadas pelos povos indígenas no Brasil. O fortalecimento de suas vozes e a promoção de políticas que respeitem seus direitos são essenciais para garantir que a interculturalidade se desenvolva em um ambiente de respeito mútuo e reconhecimento.

Assim sendo, A geoculturalidade, ao integrar geodiversidade e agregar-se ao subvalor cultural, oferece uma perspectiva rica para entender a importância da preservação cultural e da interculturalidade. Os povos Bororo exemplificam como essas interações podem ser significativas e transformadoras. Ao respeitar e valorizar as culturas indígenas, é possível vislumbrar para um futuro em que a diversidade é celebrada e as identidades culturais são fortalecidas, enriquecendo a tapeçaria humana.

Assim, é essencial promover espaços de diálogo e reflexão onde as vozes dos povos originários possam ser ouvidas e respeitadas, garantindo que a interculturalidade se desenvolva de forma equitativa e justa. Somente assim é possível construir espaços que respeitem a riqueza da diversidade cultural e reconheça a importância da geoculturalidade intrínseca a esses povos.

Conclusão

A cultura Bororo é única e resiliente, refletindo uma profunda conexão com a terra, a biodiversidade, os animais, a espiritualidade e tradições transmitidas ao longo de gerações. O respeito pela autonomia e pela herança cultural Bororo é fundamental para promover a justiça social e preservação da diversidade cultural do Brasil.

Na visão holística reflexiva dos Bororo, a importância maior se dá no repasse cultural, na oralidade, na pintura dos corpos, no encontro dos clãs. A globalização e todo o seu processo evolutivo não tem significância alguma, se não houver uma integração, um respeito entre indígenas e terra, se não houver a cosmovisão, uma outra realidade, a visão holística, a companhia dos mais velhos. Todos esses fatores, são relevantes, contribuem para a perpetuação dos povos Bororo e de sua rica propriedade geocultural, que é sua própria existência e resistência.

Referências

ANDRADE, M. C. de. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

CAMPOS, N. da S.; GRANDO, Beleni Saléte. Narrativas sobre a Centralidade da Mulher numa Sociedade Atual: Perspectivas Bororo. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 4, n. 3, p. 177-196, 2018.

GRAY, M. **Geodiversity: valuing and conserving abiotic nature**. 1ª ed. Chichester: John Wiley & Sons, 2004. 434p.

KUJIBOEKUREU, M. M. B. **As mães das almas Boe**: textos-vozes de Leonida Akire Kurireudo e Maria Pedrosa Urugureudo e a importância das mulheres no mundo de Meruri. 2022. 98 f. Dissertação (Mestrado em Ciências). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, 2022.

PERUZZO, C. M. K. Comunicação nos movimentos sociais: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. **Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura**, v. 11,

Revista Mirante, Anápolis (GO), v. 17, n. 2, p. 210-224, dez. 2024. ISSN 1981-4089

n. 1, p. 161-181, 2013. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/6980/6087>.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. EdUsp: São Paulo, 2007.

WEISSMANN, L. Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. **Construção psicopedagógica**, v. 26, n. 27, p. 21-36, 2018.